

Morgado, Sónia; Sequeira, Joana; Vitorino, Anabela

INTERIORIZAÇÃO RELIGIOSA E ESPERANÇA DE MÃOS DADAS

International Journal of Developmental and Educational Psychology, vol. 5, núm. 1, 2011, pp. 209-219

Asociación Nacional de Psicología Evolutiva y Educativa de la Infancia, Adolescencia y Mayores
Badajoz, España

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=349832343022>



*International Journal of Developmental and
Educational Psychology,*

ISSN (Versão impressa): 0214-9877

fvicente@unex.es

Asociación Nacional de Psicología Evolutiva y
Educativa de la Infancia, Adolescencia y Mayores
España



INTERIORIZAÇÃO RELIGIOSA E ESPERANÇA DE MÃOS DADAS

Sónia Morgado

soniamorgado@esdrm.ipstarem.pt

Joana Sequeira

joanasequeira@esdrm.ipstarem.pt

Anabela Vitorino

anabelav@esdrm.ipstarem.pt

Instituto Politécnico de Santarém (I.P.S.) - Escola Superior de Desporto de Rio Maior

Fecha de recepción: 26 de enero de 2011

Fecha de admisión: 10 de marzo de 2011

RESUMO

A Psicologia da Religião tem por objectivo observar, descrever e analisar os fenómenos religiosos, considerados como objectos de comportamento ou conteúdos de consciência, (Bachs, 1999). No contexto da Psicologia Positiva, torna-se pertinente analisar a *interiorização religiosa* e a *esperança*, entendida como “um processo de pensamento sobre os objectivos (*goals*) da pessoa, acompanhado com a motivação de actuar nesse sentido (*agency*) e de encontrar os meios (*pathways*) para atingir os respectivos objectivos” (Snyder, 1995, p. 355).

Nesta investigação aplicou-se a Escala sobre o Interiorização Religiosa (Barros, 2005) e a Escala sobre a Esperança (Barros, 2003), com o objectivo de analisar a forma como uma população de 40 sujeitos (N=40) interiorizam a religião e quais os seus níveis de esperança, a partir das variáveis independentes estado civil, idade, género e habilitações literárias.

Verificou-se que os inquiridos manifestam diferentes níveis de religião interiorizada e de esperança. Em termos da vivência religiosa, existem correlações positivas com a idade e estado civil. A esperança não se correlaciona com a variável género.

Perante estes dados, infere-se sobre a diversidade de factores que influenciam a vivência religiosa e os níveis de esperança, sugerindo-se que indivíduos com maior índice de religiosidade revelam também um nível de esperança mais elevada.

Palavras-Chave: Espiritualidade, Religião, Esperança, Psicologia Positiva, Psicologia da Religião.

ABSTRACT

The main objective of Psychology of Religion is to observe, describe and analyze religious phenomena, considered as objects of behavior or contents of consciousness, (Bach, 1999). In the context of positive psychology, it becomes relevant to examine the internalization of religion and hope, understood as “a thought process about the objectives (*goals*) of the person, together with the moti-



vation to act accordingly (agency) and find the means (pathways) to achieve their goals" (Snyder, 1995, p. 355).

On this research was applied the Internalization Scale Religious (Barros, 2005) and the Hope Scale (Barros, 2003), in order to analyze how a population of 40 elements ($N = 40$) internalize religion and find their levels of hope, according the independent variables marital status, age, gender and educational qualifications.

It was found that respondents express different levels of internalized religion and hope. In terms of religious experience, there are positive correlations between age and marital status. Hope is not correlated with the variable gender.

From this point of view, it appears that are a diversity of factors influencing religious experience and levels of hope, suggesting that individuals with higher religiosity levels also shows a higher level of hope.

Keywords: Spirituality, Religion, Hope, Positive Psychology, Psychology of Religion.

INTRODUÇÃO

Perde-se no tempo a origem da religião. Desde muito cedo que o Homem começou a viver sobre crenças espirituais e religiosas, assumindo a prática de rituais e superstições que resultam do medo ou ignorância das pessoas, e que são inconsistentes com as leis da ciência (Guralnik, 1986, citado por Hood, Hill & Spilka, 2009).

Para Barros (2008, p. 34), "o medo estimula a religião, que se opõe à ansiedade e incerteza, protegendo contra as insatisfações ou tempestades mais ou menos violentas da vida, oferecendo a esperança". No entanto, apesar das superstições e da religião serem estimuladas pelo medo, a religião, não tem os mesmos pressupostos da superstição, uma vez que esta tem sólidas teorias teológicas que fomentam comportamentos racionais e de aprendizagem social, resultantes de processos cognitivos e motivacionais (Hood *et al.*, 2009). Estes processos influenciam a interiorização religiosa e consequentemente a esperança, entre outros aspectos.

INTERIORIZAÇÃO RELIGIOSA

Para muitos, a referência principal da religião é o livro sagrado (Bíblia, Alcorão, etc.), e para outros, a busca de verdade e de conhecimento, da tentativa de dar sentido à vida e à morte (Barros, 2008).

Por religião entende-se os "sentimentos, actos e experiências das pessoas individuais, na sua solidão, no modo como se apreendem a si mesmas, como estando em relação com tudo o que consideram o divino" (James, 1985, citado por Barros, 2010, p. 138).

Erich Fromm (1950, citado por Barros, 2008, 2010) descreve a religião como qualquer sistema de pensamento e de acção partilhado pelo grupo, que oferece ao indivíduo um quadro de orientação e um objecto específico de devoção.

Alguns autores têm explorado os fundamentos biológicos, mais especificamente, as bases neuropsicológicas do comportamento ou da experiência religiosa e espiritual (Newberg & Newberg, 2005, citado por Barros, 2008), utilizando as Neurociências e a Genética para explicar a complexidade do fenómeno religioso (ex: as investigações com gémeos).

No entanto, torna-se necessário também ter em conta os aspectos sócio-psico-biológicos, cuja abordagem psicológica se pode fazer de diversas formas, ou seja, centrados numa vertente cognitiva, dando ênfase à percepção, à memória, ao conhecimento, à intuição, à cognição social, à linguagem (Ozorak, 2005, citado por Barros, 2008). Outros autores colocam em relevo as emoções,



como a gratidão, temor, admiração, esperança (Emmons, 2005, citado por Barros) ou ainda o papel da personalidade na compreensão da religiosidade e da espiritualidade (Piedmont, 2005, citado por Barros).

Outros há que insistem nas atitudes e no comportamento social provenientes da vivência da religião, falando de preconceito, honestidade, sexualidade, etc. (Donahue & Nielson, 2005, citado por Barros, 2008).

Para Hood *et al.* (2009), a abordagem psicológica sobre a origem da religião aponta essencialmente para dois grupos: a tradição defensivo-protectiva, onde estão incluídas todas as tendências que fazem da religião um escudo contra o medo e a necessidade de encontrar significado e controlar as vicissitudes da vida, e a tradição crescimento-realização.

Para Barros (2008), outra abordagem à origem da religião relaciona-se com as privações da vida, como as necessidades económicas, de saúde, de afecto, de felicidade, as quais a religião poderia compensar ou mesmo colmatar.

Em termos das diversas classes ou espécies de religião, uma das distinções fundamentais é feita entre a «religião intrínseca» (interiorizada, auto-motivada) e «extrínseca» (exterior, hetero-motivada), entre «religião comprometida» e «religião consensual» (Barros, 2005, 2008, 2010).

Para Barros (2008, 2010), a pessoa verdadeiramente religiosa apresenta as seguintes características:

- devota e espiritual;
- fortemente comprometida com a sua fé, que invade e se manifesta em todas as dimensões da vida (profissional, matrimonial, sexual, educacional);
- vive segundo os princípios morais defendidos pela religião;
- altruísta e humanista;
- vive em união constante com Deus;
- tolerante e compreensiva;

Hood *et al.* (2009) indicam algumas características que permitem identificar as pessoas religiosas, a saber:

- indivíduos membros de uma igreja ou congregação;
- participam nos serviços religiosos;
- lêem a bíblia ou outros livros sagrados;
- contribuem monetariamente para causas religiosas;
- respeitam os feriados e os dias de festa, dão acções de graças à refeição;
- aceitam religiosamente restrições na comida entre outras possibilidades.

Por sua vez, a pessoa que só extrinsecamente é praticante, mostra-se superficial, separa a religião da vida, não levando à prática o que teoricamente acredita; é mais levada pelo medo e pela pressão social do que pela convicção íntima; está centrada em si mesma e menos nos outros; considera Deus mais como uma abstracção do que como uma Pessoa viva; é pouco tolerante (Hood *et al.*, 2009).

Nas últimas décadas tem surgido um interesse específico no estudo dos fenómenos religiosos, no contexto das ciências humanas, em que o comportamento religioso, constituindo um dos aspectos importantes da realidade humana, é estudado na Psicologia

Neste contexto, surge uma área científica designada por Psicologia da Religião, cujo “propósito é observar, descrever e analisar os fenómenos religiosos, considerados como objectos de comportamento ou conteúdos de consciência, colocando entre parênteses a existência efectiva de Deus, ao qual se referem a experiência, a atitude ou um ritual religioso”. E, por outro lado, parte da concepção de que a religião viva se expressa na rede de relações existentes entre o indivíduo religioso, a sociedade religiosa à qual pertence e o universo de crenças e ritos a que o indivíduo e a sociedade aderem (Bachs, 1999, p. 140).



Hood *et al.* (2009) referem que Psicologia das Religiões procura evidências sobre o modo como as pessoas constroem as suas crenças e comportamentos religiosos, enquanto que o papel do psicólogo é procurar na mente, na sociedade, na cultura, a natureza do pensamento religioso e dos comportamentos face à religião; não estuda a religião em si mesma, mas estuda as pessoas em relação às suas crenças e examina o modo como estas crenças podem influenciar outras facetas das suas vidas.

Nesta sequência, a Psicologia da Religião investiga a atitude religiosa e atitude ateia, centrando-se na maneira especificamente humana que apresentam os fenómenos religiosos, nas suas manifestações verbais, simbólicas e comportamentais. Por outro lado, analisa a superstição, entendida como a tendência em relacionar acontecimentos com causas sobrenaturais, em que por vezes estão associadas à utilização de rituais ligados à religião e ligados à feitiçaria.

No campo da investigação, para estudar os fenómenos religiosos são utilizados os métodos próprios da Psicologia, como sejam a análise sistemática de documentos pessoais, questionários e escalas de atitudes, observações sistemáticas de comportamentos, técnicas projectivas, entrevistas, etc. (Bachs, 1999).

ESPERANÇA

A esperança é vista como uma atitude, emoção, valor, virtude, das mais positivas ou necessárias para o ser humano (Barros, 2010).

Snyder (1995) define esperança como “um processo de pensamento sobre os objectivos (*goals*) do indivíduo, acompanhado com a motivação de actuar nesse sentido (*agency*) e de encontrar os meios (*pathways*) para atingir os respectivos objectivos”. A esperança é ainda definida como uma “energia cognitiva e percursos para os objectivos”; uma maior esperança reflecte um elevado sentido de energia mental e de meios para atingir os objectivos. Neste caso, refere-se a uma esperança disposicional, a qual pode ser alvo de modificações a longo do tempo.

A esperança é descrita por Hert (2005, citado por Querido & Dixe, 2010) como uma força interior promotora da vida, facilitadora da transcendência da situação presente e transição para uma nova consciência e enriquecimento do ser, pelo que, segundo Fromm (1978, citado por Barros, 2010), enquanto elemento intrínseco da estrutura da vida e da dinâmica do espírito humano, o momento em que esta cessa implica o término da vida efectiva ou em potência.

Neste sentido, podemos afirmar que um sujeito com muita esperança deverá apresentar emoções positivas de modo continuado, enquanto alguém com pouca esperança revelará apenas emoções negativas. Assim, a pessoa esperançada é capaz de estabelecer metas, redefinir o seu futuro, descobrir um significado para a sua vida, sentir-se em paz e apresentar-se optimista (Lopes, Aguiinha, Lopes, Petronilho, Valeiro & Dixe, 2010).

Também se podem distinguir vários tipos de esperança, como sejam a «esperança disposicional» (ou pessoal) e uma «esperança situacional» (ou social), em que a primeira é baseada mais na própria pessoa e a segunda relacionada com o contexto situacional envolvente. Existe ainda distinção entre a «esperança terrena» (ou intramundana) e a «esperança celeste» (ou transcendente), capaz de ultrapassar a própria morte projectando-se para um futuro absoluto e procurando a salvação em Deus (Barros, 2010).

Sabendo que nos próximos anos manter-se-á a tendência do envelhecimento demográfico, cujo índice de envelhecimento passou de 107, em 2003, para 118, em 2009 (INE, 2010) e se prevê que em 2050 a população idosa representará 32% total da população (INE, 2004), associado ao facto de que a esperança é uma necessidade comum ao longo do ciclo de vida, existem estudos que pretendem perceber a esperança e desesperança na vida da população idosa, em que a desesperança

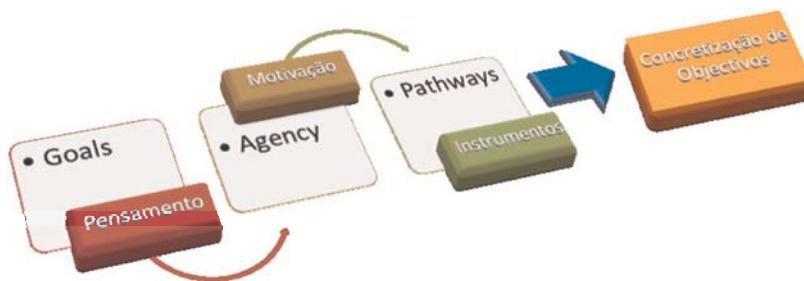


é vista como sentimento que reflecte medo e incerteza em relação ao próprio futuro (Lopes *et al.*, 2010).

Sendo um conceito multidimensional, tem sido considerado que “um bom nível de esperança apoia significativamente no processo de adaptação à doença, bem como no crescimento espiritual fundamental em fim de vida” (Viana, Querido, Dixe & Barbosa, 2010, p. 615).

Em termos da interacção entre a esperança e outros construtos, é de referir que a esperança tem uma íntima relação com a religião, porque por meio do processo teológico, fomentam a concretização de objectivos, fornecendo os instrumentos e recursos necessários para a sua concretização, tendo em conta a motivação e o pensamento do indivíduo.

Figura 1 – Processo de “interiorização religiosa” e “esperança”



Grandes influências sociológicas como o sistema feudal da Idade Média, a industrialização do séc. XIX, o fascismo, o capitalismo e o comunismo do séc. XX provocaram uma mudança da forma como os idosos foram vistos ao longo dos tempos. Esta visão assume-se de particular relevância na sua estrutura cognitiva e nos seus reflexos na busca de suporte, como sejam a religião no âmbito de interiorização e de esperança que desenvolve, uma vez que a religião representa, segundo Hood *et al.* (2009), um estado ideal.

De facto, depois de obtido o prolongamento da vida desqualifica-se o velho e vive-se inquieto com a possibilidade de ele vir a constituir uma sobrecarga (Sampaio, 2008), mas por outro lado, vivemos num contexto sociocultural e histórico judaico-cristão, em que os pressupostos da solidariedade, altruísmo e respeito mútuo são princípios doutrinários, contudo a realidade é um pouco diferente, colocando os idosos muitas vezes em situação de desesperança e de grande sofrimento físico e psicológico. É neste sentido que actua a religião, promovendo práticas e exercícios quotidianos que desenvolvem e acentuam níveis diversificados de integração e de esperança. Esses níveis potenciam e atenuam os efeitos provocados por uma sociedade moderna, cada vez mais exigente e desfocalizada em relação aos idosos.

Assim sendo, e tendo em conta os pressupostos inerentes à prática da religiosidade e à vivência da esperança anteriormente evidenciadas pela literatura, assumiu-se como principal objectivo desta investigação, identificar o nível de esperança e interiorização religiosa, em função de algumas variáveis sócio-demográficas e analisar/determinar a relação entre a motivação intrínseca/extrínseca na vivência religiosa e a esperança em diferentes idades.



METODOLOGIA

PARTICIPANTES

A população alvo do estudo foi constituída por 40 indivíduos, de ambos os sexos, de ambos os géneros (32,5% femininos e 67,5% masculinos), pertencentes a quatro distritos de Portugal, nomeadamente, Aveiro, Guarda, Lisboa e Santarém, numa faixa etária a partir dos 12 anos de idade.

Face aos objectivos do estudo, foram distribuídos 40 questionários, de forma proporcional pelas diferentes faixas etárias, nos respectivos distritos. Estratificou-se a amostra em 4 grupos etários (Shaffer & Kipp, 2010): 12-20 (adolescência); 21-40 (adulto jovem); 41-65 (meia-idade); mais de 66anos (velhice), tendo como base. Para o objecto de análise consideraram-se ainda outras variáveis independentes como sejam, o estado civil, o género e as habilitações literárias.

O método de amostragem utilizado foi o da amostragem por conveniência (Pinto & Grego, 1992).

Quadro 1: Caracterização da Amostra

		Idade				Habilidades Literárias		Estado Civil		
		12 aos 20 anos	21aos 40 anos	41aos 65 anos	+de 66 anos	inferior ao 12º ano	Ensino Superior	solteiro	casado	outros
Género	Masculino	n	1	4	4	4	9	5	8	0
		% Género	8%	31%	31%	31%	69%	38%	62%	0%
		% Idade	10%	40%	40%	40%	29%	35%	31%	44%
	Feminino	n	9	6	6	6	10	17	11	10
		% Sexo	33%	22%	22%	22%	37%	63%	41%	37%
		% Idade	90%	60%	60%	60%	71%	65%	69%	56%
Total		n	10	10	10	10	14	26	16	18
		% Sexo	25%	25%	25%	25%	35%	65%	40%	45%
		% Idade	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Relativamente ao estado civil verifica-se que a distribuição é uniforme quanto à diferenciação entre o estado civil solteiro (40%) e o estado civil casado (45%). O remanescente refere-se a outras situações (uniões de facto, divorciado, entre outros).

INSTRUMENTO

Tendo em conta os objectivos do estudo, utilizou-se a *Escala sobre a Interiorização Religiosa* (Barros, 2005). Este instrumento pretende conhecer o que pensam as pessoas sobre a religião e avaliar a motivação intrínseca/extrínseca da vivência religiosa, o qual é constituído por 4 itens centrais (“Uma das razões por que partilho activamente a minha fé com os outros é...”, “Quando me volto para Deus, faço-o, na maior parte dos casos...”; “A razão por que rezo sozinho é...”; “A razão de eu frequentar a igreja é...”), com uma escala de 4 opções de escolha, em que 1 corresponde a “totalmente falso”, 2 “relativamente falso”, 3 “bastante de acordo” e 4 “totalmente de acordo”. Os itens organizam-se de forma a indicar 2 factores: factor *interiorização (identificação)* e a *exteriorização (introjecção)*.

No que concerne ao tema da Esperança, recorreu-se à *Escala sobre a Esperança* apresentada por Barros (2003). Este instrumento pretende identificar as atitudes da pessoa face ao futuro, para tal apresenta 6 itens (“Considero-me uma pessoa cheia de esperança”; “Não desanimo facilmente



frente às adversidades”, “Luto para atingir os meus objectivos”, “Sou optimista mesmo no meio das dificuldades”; “Sei que tenho competência para conseguir o que quero na vida”; “Penso que o futuro será melhor do que o passado”), com uma escala de Likert de 5 opções, em que 1 corresponde a “totalmente em desacordo (absolutamente não)”, 2 “bastante em desacordo (não)”, 3 “nem de acordo nem em desacordo (mais ou menos)”, 4 “bastante de acordo (sim)” e 5 “totalmente de acordo (absolutamente sim)”.

Ambos os questionários foram preenchidos no mesmo dia e sem limite de tempo para uma melhor compreensão e percepção das questões colocadas.

PROCEDIMENTOS

A recolha de dados teve lugar em Novembro de 2010, a partir do consentimento livre e esclarecido de todos os participantes no estudo.

Para sistematizar e realçar a informação fornecida pelos dados recorreu-se à técnica da estatística descritiva e inferencial (especialmente ao nível correlacional). O nível de significância foi de 5%, tendo-se utilizado o programa informático PASW (*Predictive Analytics SoftWare Statistics* versão 18.0).

RESULTADOS

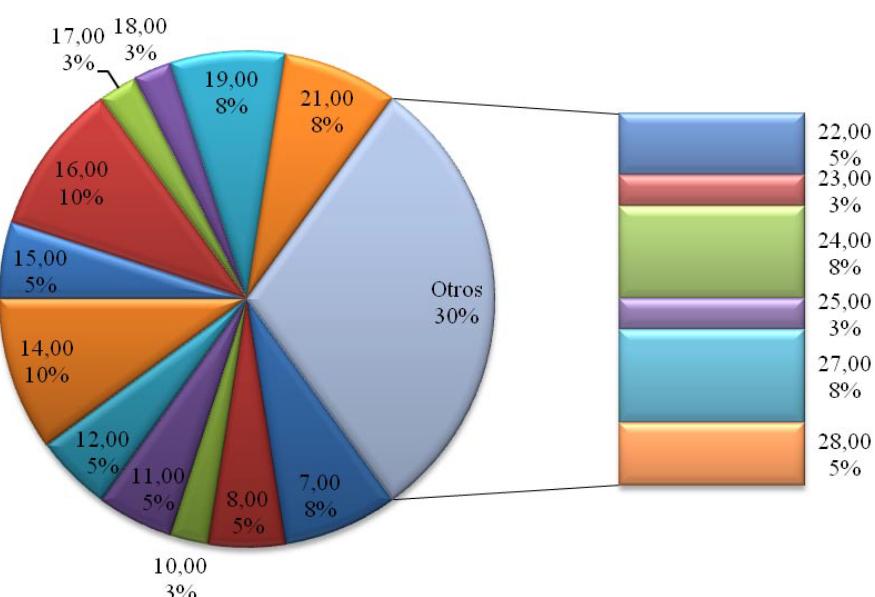
A análise dos resultados será efectuada numa primeira fase por Religião Interiorizada e Esperança e, numa segunda fase, entre as duas variáveis.

Interiorização Religiosa

Para a Interiorização Religiosa, a base da análise será efectuada nas duas dimensões: a *interiorização (identificação)* e a *exteriorização (introjeção)*.

Na análise do “factor identificação” em termos religiosos, constata-se que os inquiridos revelam que a sua interiorização, atinge, num total máximo de 28, os 30%, considerando os valores mais extremos, nomeadamente dos 22 aos 28.

Gráfico 1 – Distribuição de níveis de “identificação”





O gráfico é revelador da *interiorização religiosa* do universo estudado, o que se repercute nas diferentes opções que a compõem esta questão, nomeadamente estabelecendo-se correlações positivas e significativas entre a “*interiorização*” e a idade, ao nível do “*apoio em Deus*”, a “*razão da Oração*” e a “*razão de ir à Igreja*”.

O estado civil apresenta também correlações nas mesmas questões: “*apoio em Deus*” e na “*razão de ir à Igreja*”, conforme quadro 2.

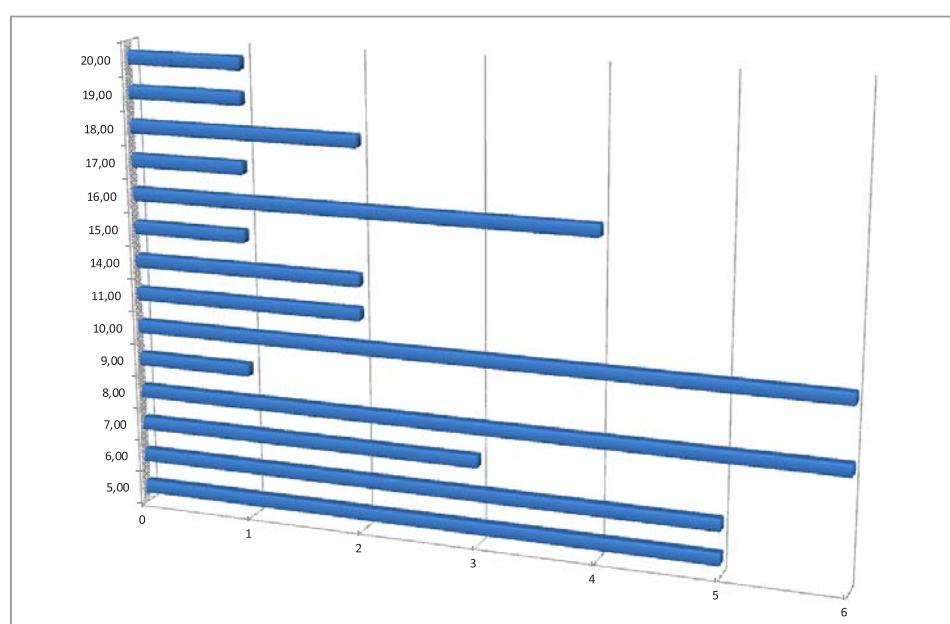
Quadro 2 – Correlação por grupo de questão

		Idade		Estado Civil	
		Teste	sig	Teste	sig
Apoio em Deus	<i>porque gosto de passar tempo com Ele</i>	0,474	0,002	0,431	0,005
	<i>porque considero que é gratificante</i>	0,333	0,022	0,456	0,003
Razão da oração	<i>porque gosto de rezar</i>	0,542	0,000	0,377	0,016
	<i>porque considero gratificante rezar</i>	0,447	0,004	0,456	0,003
Razão de ir à igreja	<i>porque quando vou à igreja aprendo coisas novas</i>	0,465	0,002	0,411	0,008

Da análise do resultado apenas a “*partilha da fé*” não apresenta qualquer tipo de correlação com a idade ou o estado civil.

A ocupação dos tempos livres (OTL) tem uma correlação positiva e significativa com as questões anteriores, com exceção da “*partilha da fé*”, permite que as restantes questões sejam explicadas por os três itens, como seja 58,5% da variação de “*porque gosto de passar tempo com Ele*” é explicada pela idade ($0,418^2 \times 100 = 22,5\%$), pelo estado civil (18,6%) e pelo OTL (17,5%). Os itens “*gosto de rezar*” e “*porque considero gratificante rezar*” são explicadas pelas variáveis em 60,6% e 64%, respectivamente.

Gráfico 2 – Distribuição de níveis de “introjecção”





O valor máximo atingido pelo nível de “exteriorização”, no grupo de inquiridos, representa apenas 2,5%, sendo que o valor com maiores níveis de ocorrência de “introjecção” é de 10 e 8 em 20.

Quadro 3 – Correlação por grupo de questão

		Idade		Estado Civil		Habilidades Literárias	
		Teste	sig	Teste	sig	Teste	sig
Partilha da fé	<i>porque quero ser aceite pelos outros cristãos</i>	0,482	0,002	0,369	0,019	-0,471	0,002
Apoio em Deus	<i>porque me sentiria culpado se não o fizesse</i>	0,36	0,022	0,414	0,008	-0,501	0,001
Razão da oração	<i>porque se não o faço, não serei aceite por Deus</i>	0,505	0,001	0,523	0,001	-0,439	0,005
Razão de ir à igreja	<i>porque as outras pessoas esperam que eu vá à igreja</i>	0,525	0,001	0,287	0,073	-0,341	0,031
	<i>porque os outros não me aceitariam se eu não fosse</i>	0,608	0,000	0,440	0,005	-0,46	0,003

Das variáveis consideradas, a idade ao contrário das habilidades literárias que apresenta correlações negativas, tem correlação positiva e estatisticamente significativa com as questões que compõem os níveis de “introjecção” e respectivas perguntas.

O estado civil só não apresenta uma correlação estatisticamente significativa com a opção “*porque as outras pessoas esperam que eu vá à igreja*”.

A variação da “*partilha da fé*”, na opção “*porque quero ser aceite pelos outros cristãos*” explica-se pela idade em 23,2% ($0,482^2 * 100$), pelo estado civil em 13,6% ($0,369^2 * 100$), e pelas habilidades literárias 22,2% ($0,471^2 * 100$), sendo os remanescentes (41%) explicados por outros factores não considerados na análise.

É de salientar que na opção “*porque se não o faço, não serei aceite por Deus*”, as variáveis constantes do quadro contribuem para a explicação com 72,1%. A este contributo acresce as OTL, que apresentam uma correlação significativa positiva ($r = 0,424$, $p\text{-value} = 0,006$), sendo a sua contribuição de 18%, o que aumenta o valor total explicado para 90,1% o permite que apenas 9,9% das respostas seja explicada por outros elementos.

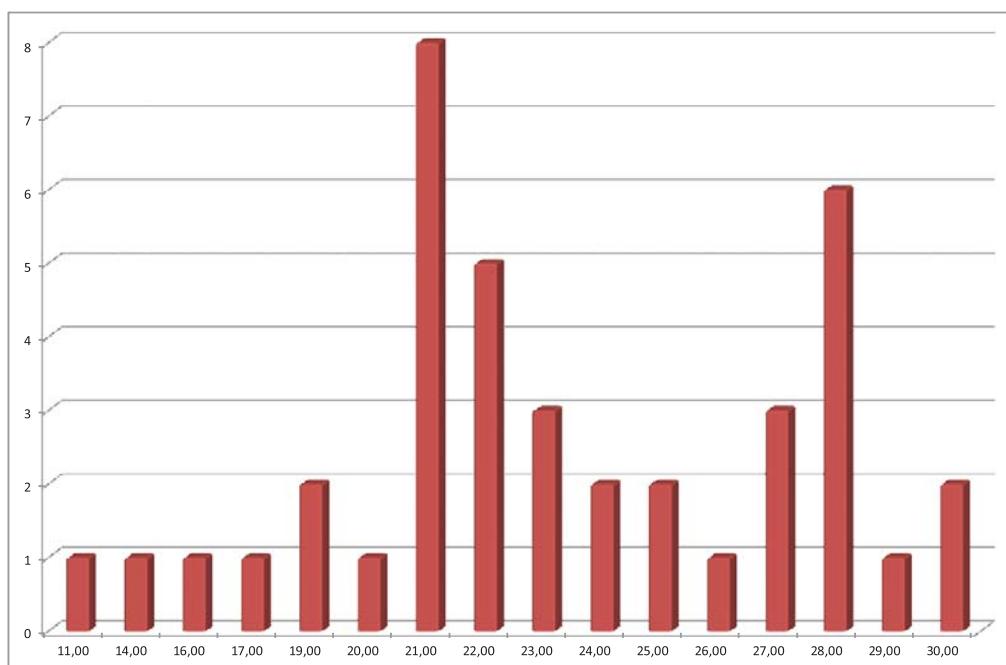
Esperança

A “esperança”, numa escala onde a pontuação mínima seria de 6 e a máxima de 30, identifica-se uma heterogeneidade de resultados, sendo o valor mais frequente de 21 com 20%, enquanto o valor mínimo apresentado (11) representa 2,5% e o máximo (30) representa 5%.

A nível correlacional, a variável com maior revelo nesta análise é a idade, que num total de 6 questões apresenta correlações negativas e estatisticamente significativas, nas questões “*não desanimo facilmente frente às adversidades*” ($r = -0,367$, $p\text{-value} = 0,020$), “*luto para atingir os meus objectivos*” ($r = -0,453$, $p\text{-value} = 0,000$), “*sei que tenho competências para conseguir o que quero na vida*” ($r = -0,367$, $p\text{-value} = 0,020$) e “*penso que o futuro será melhor do que o passado*” ($r = -0,5547$, $p\text{-value} = 0,000$). A questão “*luto para atingir os meus objectivos*” e “*penso que o futuro será melhor do que o passado*”, são explicadas em 61,2% (variáveis idade – 20,5%, estado civil – 16,2% e OTL – 24,5%) e 66% (idade – 30,6%, estado civil – 23,4% e habilidades literárias – 12,7%).



Gráfico 3 – Valores do nível de “esperança”



DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

Em face dos resultados obtidos pode constar-se que os inquiridos manifestam diferenciados níveis de religião e esperança, de acordo com as variáveis estudadas. Algumas dessas variáveis apresentam correlações positivas na motivação intrínseca da religião, enquanto na motivação extrínseca da vivência religiosa, a variável habilidades literárias estabelece correlações negativas, quer a nível parcial, quer a nível global.

Na outra linha de abordagem, e ao contrário da anterior, as correlações que se estabelecem na Esperança são correlações significativas mas negativas, à qual se tem como exceção as habilidades literárias.

Em ambos os casos, religião e esperança, a variável género é a única que não tem qualquer influência sobre os resultados, não constituindo por isso uma variável decisória nos respectivos níveis.

Por último, na análise entre a religião e a esperança constata-se que os níveis são mutuamente influenciáveis, a um nível de significância de 10%, sugerindo que a indivíduos com maiores níveis de religiosidade corresponde um maior nível de esperança, a que não é alheia a sensação de pertença proporcionada nos momentos religiosos que confirmam a “identificação com o ideal” (Hood *et al.*, 2009, p. 72).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bachs, J. (1999). *Psicología Diferencial* (G. de Almeida, trad.). Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 139-153.
- Barros, J. (2003). A esperança: teoria e avaliação (proposta de uma nova escala). *Psicologia, Educação e Cultura*, 7 (1), 83-106.
- Barros, J. (2005). Motivação intrínseca/extrínseca na vivência religiosa: Uma escala revisitada. *Psicologia, Educação e Cultura*, 9 (2), 453-475.



- Barros, J. (2008). *Psicologia do Idoso. Temas complementares*. Porto: Legis Editora.
- Barros, J. (2010). *Psicologia Positiva: Uma Nova Psicologia*. Porto: Legis Editora.
- Hood, R. W.; Hill, P. C. & Spilka, B. (4^a ed.) (2009). *The Psychology of Religion: An Empirical Approach*. New York: The Guilford Press.
- INE (2004). *Projeções de População Residente, Portugal e NUTS II, 2000-2050*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2010). *Estatísticas Demográficas – 2009*. Acedido em 09 de Março de <http://www.ine.pt>
- Lopes, C. I.; Aguiinha, M. S.; Lopes, F. D.; Petronilho, S. M.; Valeiro, L. M. & Dixe, M. A. (2010). Esperança e desesperança nos idosos. *International Journal of Developmental and Education Psychology*, XXII, 2 (1), 883-894.
- Pinto, P. T. & Grego, M. M. (1992). *Estatística Descritiva I*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Querido, A. I. & Dixe, M. A. (2010). A esperança e qualidade de vida dos doentes em cuidados paliativos. *International Journal of Developmental and Education Psychology*, XXII, 1 (1), 613-622.
- Rodrigues, C. (2007). Psicologia da Saúde e Pessoas Idosas. In José A. C. Teixeira (Org.), *Psicologia da Saúde. Contextos e Áreas de Intervenção* (pp. 235-250). Lisboa: Climepsi Editores.
- Shaffer, D. R. & Kipp, K. (8^a ed.) (2010). *Developmental Psychology. Childhood and adolescence*. Belmont: Wadsworth.
- Snyder, C. R. (1995). Conceptualizing, measuring, and nurturing hope. *Journal of Counseling and Development*, 73 (1), 355-360.
- Viana, A.; Querido, A.; Dixe, M. A. & Barbosa, A. (2010). Avaliação da esperança em cuidados paliativos. *International Journal of Developmental and Education Psychology*, XXII, 2 (1), 607-616.